O MECENATO DO JOGO DO BICHO E A ASCENSÃO DA BEIJA-FLOR NO CARNAVAL CARIOCA

Luiz Anselmo Bezerra

A artigo propõe-se a uma análise do mecenato do jogo do bicho como fator fundamental do processo que levou à ascensão da Beija-flor no carnaval carioca na segunda metade dos anos 1970. Para tanto, implementa-se uma abordagem etnográfica associada à teoria da dádiva que tem correspondência nos padrões de sociabilidade do universo estudado.

CARNAVAL, ESCOLA DE SAMBA, JOGO DO BICHO, MECENATO.

BEZERRA, Luiz Anselmo. O mecenato do jogo do bicho e a ascensão da Beija-flor no carnaval carioca. *Textos escolhidos de cultura e arte populares*, Rio de Janeiro, v.6, n 1, p. 139-150, 2009.

A Beija-flor de Nilópolis tem certo destaque entre as escolas de samba do Rio de Janeiro por ser considerada uma espécie de "domínio familiar". No entanto, o início de sua trajetória, que em muito antecede a presença dos Abraão David, começa pela fundação como bloco carnavalesco no ano de 1948. A passagem à condição de Grêmio Recreativo Escola de Samba viria em 1954, destacando-se, segundo relatos de antigos componentes, o esforço de uma das lideranças mais importantes da época, o compositor Cabana. Foram muitos carnavais no "sobe e desce" característico das pequenas escolas de samba, transitando entre os três grupos definidos pela antiga divisão dos desfiles carnavalescos, até a conquista dos títulos de 1976, 1977 e 1978, no então grupo de elite do carnaval, o chamado Grupo 1. Esse feito constitui-se, através da memória, no marco de uma fase de vitórias associada à administração dos irmãos Nelson e Aniz Abraão, o Anísio. Embora tenham assumido a agremiação seguindo normas eleitorais em 1972, como presidente administrativo e presidente de honra, respectivamente, foi somente com a permanência da escola junto às quatro grandes do carnaval carioca, ficando assegurada pelo primeiro tricampeonato, que se passou a conferir aos Abraão David o *status* de verdadeiros "donos" da Beija-flor.

A proposta deste artigo é discutir um fator fundamental do processo que levou à ascensão da Beija-flor no carnaval carioca; vamos analisar especificamente aquilo que a literatura especializada convencionou chamar mecenato do jogo do bicho (QUEIROZ, 1992; CAVALCANTI, 2008). Outros aspectos vinculados ao referido processo já foram tratados em trabalhos acadêmicos, e por essa razão, cabe assinalarmos a possibilidade de se adotar pelo menos duas outras linhas de raciocínio: uma que atribui grande centralidade ao trabalho de Joãosinho Trinta (FERREIRA, 1982), e outra, que considera o importante papel do carnavalesco, só que numa perspectiva mais ampla a partir da qual são levadas em conta transformações no âmbito do espetáculo e no conjunto das escolas de samba, que sustenta a idéia de uma reivenção do carnaval apresentada nos desfiles da Beija-flor (MELLO, 2000). Mello desenvolveu sua pesquisa implementando uma abordagem bastante semelhante àquela proposta por Montes em artigo dedicado ao debate acerca dos conceitos de cultura popular e circularidade cultural. No texto a autora defende a tese de que houve manutenção de uma estética negra na concepção dos desfiles carnavalescos conforme estes foram se transformando em espetáculos de massa, e, assim, ela refuta as visões puristas que encaram a originalidade dos carnavais da Beija-flor como se fossem um "desvirtuamento" da tradição. (MONTES, 1996-1997)

Para abrirmos definitivamente a discussão a que nos propomos, cabe ainda atestarmos que, em relação ao jogo do bicho em Nilópolis, foram desenvolvidas pesquisas bem fundamentadas em fontes jornalísticas que apontam Aniz Abraão David como grande chefe da organização que durante os anos 1960 e 1970 se expandiu através de uma ampla rede pela região da Baixada Fluminense com base em garantias políticas obtidas por influência do então deputado estadual Jorge David, membro do ramo colateral da família, e principal responsável pela adesão dos Abraão David e dos Sessim ao regime militar logo após o golpe de 1964. (ALVES, 2003; FREIXO e TAVARES, 2005) Alves sustenta que

a hegemonia local conquistada pelas famílias só foi possível por conta da reestruturação promovida pela ditadura no poder local da Baixada Fluminense. Freixo e Tavares analisam enquanto estratégia política a apresentação dos enredos da Beija-flor para os anos 1973, 74 e 75 com temas que exprimiam as diretrizes da propaganda oficial elaborada pelo governo militar no período do "milagre".

A contribuição desses autores só não é maior porque há uma tendência em suas análises para a interpretação da patronagem atribuída aos banqueiros do jogo do bicho a partir de uma lógica marcadamente utilitária. Ocorre que, ao não abordarem completamente os aspectos da relação entre contraventor e setores da comunidade local, visualizam uma situação de dominação na qual os dominados não fazem parte da dinâmica que sustenta as relações de poder, ficando passivos diante de uma simples estratégia de manipulação. Desse modo, o suporte financeiro concedido pelos contraventores para a produção do carnaval, assim como a realização de obras de assistência social, constituiria uma troca mecânica, nos termos do mais puro interesse material, focada na legitimidade necessária ao bom funcionamento das atividades ilícitas ligadas ao jogo do bicho. As considerações de Queiroz (1992) sobre a questão do mecenato do jogo do bicho no carnaval das escolas de samba do Rio de Janeiro também tendem a esse tipo de interpretação, embora a autora tenha sido a primeira a propor a tese sobre a função das escolas enquanto espaços de mediação entre o jogo do bicho e a ordem político-institucional, tese esta que está na base de trabalhos extremamente relevantes como (CHINELLI e SILVA, 1993; SANTOS, 1998). Com exceção desses dois últimos, os demais trabalhos demonstram um forte distanciamento em relação aos atores envolvidos no universo social estudado.

Embora nosso trabalho não esteja fundamentado numa pesquisa de observação participante propriamente dita, a proposta etnográfica de Magnani, denominada olhar de perto e dentro, assume aqui extrema relevância. Na concepção do autor, o método etnográfico não se reduziria a uma simples técnica, posto que pode usar ou servir-se de várias, de acordo com as circunstâncias de cada pesquisa. Assim, para Magnani, a etnografia seria

> antes um método de acercamento e apreensão do que um conjunto de procedimentos. Ademais, não é obsessão pelos detalhes que caracteriza a etnografia, mas a atenção que se lhes dá: em algum momento, os fragmentos podem arranjar-se num todo que oferece a pista para um novo entendimento. Em suma: a natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite reorganizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais um arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso do que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o "concreto vivido". (MAGNANI, 2002, p. 17)

Partindo das "explicações nativas" para chegarmos a uma visão mais geral acerca do mecenato do jogo do bicho no caso da Beija-flor, vamos ter que considerar o fato dos Abraão David serem originários de famílias de comerciantes libaneses há bastante tempo estabelecidas na localidade. Por isso, antes mesmo de se afirmarem na contravenção, os irmãos Nelson e Anísio haviam constituído laços profundos com pessoas da localidade, como bem percebeu o carnavalesco Joãosinho Trinta, destacando isto como fator decisivo para o desenvolvimento do seu trabalho na escola de samba:

> Agora, tive a facilidade de Nilópolis ser, primeiro, uma comunidade grande em número, mas pequena em geografia, e, sobretudo, ter a Beija-flor uma diretoria muito ligada a essa comunidade, que são os corretores zoológicos. Os corretores zoológicos têm uma profunda penetração, ainda mais porque eles não são de fora. O Anísio e o Nélson nasceram lá em Nilópolis. O Nélson é casado com a filha de uma fundadora da Beija-flor. Eles não são pessoas que vieram de fora para implantar o jogo do bicho. Estão muito enraizados em Nilópolis e isso me facilitou muito esse trabalho de implantação da escola. (TRINTA, 1991, p.34)

Note-se que não se trata de uma questão meramente financeira. Joãosinho ressalta a capacidade de operação da organização do jogo do bicho em Nilópolis pela inserção de seus chefes na comunidade local através de uma rede de contatos muito bem articulada. Isto sugere que não faz sentido pensar na hipótese de que a entrada dos Abraão David na escola de samba tenha se dado mediante intimidação com ameaça do uso da força bruta, nos mesmos moldes da expansão nos negócios ligados ao jogo do bicho. Um ponto fundamental acerca do modo de operação da organização do jogo do bicho em Nilópolis é que não há relatos sobre a cobrança de pagamento por proteção, prática que tem se tornado comum hoje em dia em áreas do Rio de Janeiro onde ocorre o fenômeno das milícias.

Entendendo o jogo do bicho como uma instituição total, Da Matta e Soárez (2006) chamam atenção para um problema corrente na maioria das análises sobre o fenômeno. Aspectos importantes de sua estrutura acabam sendo esquecidos em decorrência de uma preocupação excessiva com a atuação dos agentes da contravenção. De acordo com os autores, não faria sentido pensar nos princípios de "lealdade" e "honra", tão caros ao modo de relacionamento dos banqueiros do bicho com a população de suas áreas de domínio, sem que se compreenda como tais elementos são compartilhados através da crença num sistema complexo estruturado a partir da simbologia dos "bichos". Portanto, confiar na honestidade dos banqueiros, concebendo-os como figuras simpáticas e acessíveis no âmbito das relações cotidianas, corresponderia a uma crença no sistema como um todo, o que passa logicamente pela infinidade de associações que podem ser feitas forçando-se o elo entre animais e números, sem falar na sua relação com o universo dos sonhos e com os mais variados tipos de acontecimentos. Por tudo isso, a "aposta" dos sambistas nos bicheiros deve ser entendida como sendo uma "aposta" no sistema do jogo do bicho, posto que este contém ingredientes básicos da dádiva.

No final dos anos 1960, os Abraão David já haviam assumido a exploração de pontos de apostas em toda Nilópolis e adjacências. Para efeito de esclarecimento, Nilópolis é cortada pela linha férrea do ramal Japeri, e como marcos referenciais, para quem vem da Central do Brasil, teríamos: no lado direito da estação de trens, a Praça Paulo de Frontin; e no lado esquerdo, o Calçadão de Nilópolis, tomado pelo comércio ambulante. Ao sairmos por este lado, ainda na plataforma da estação, damos de frente com um prédio muito representativo da comunidade libanesa local, todo decorado com azulejos emblemáticos, e que pertence à família Sessim. Nesse lado da cidade estão localizadas as duas quadras pertencentes à Beija-flor de Nilópolis.

Em conversa informal com um antigo componente da Beija-flor, ele explicava que, na consolidação do processo de expansão do jogo do bicho, o "braço direito" de Aniz Abraão teria sido seu irmão Nelson. Este ficou responsável por garantir o domínio dos pontos localizados em todo o território de Nilópolis ao lado da estação de trens no qual se situa a quadra da escola. Nos termos de nosso informante, Nelson foi "moralizando" esse território, enquanto o outro lado da cidade teria ficado a cargo do próprio Aniz. "Moralizar" significaria pressionar os antigos donos de ponto de bicho a consentirem que, a partir daquele momento, o jogo seria bancado por Aniz Abraão.

A memória coletiva dos componentes, todavia, processa uma espécie de descarte, reconhecendo apenas a existência de um momento violento, superado na medida em que ficava instituída a lógica simbólica da generosidade no modo de relacionamento entre o banqueiro e sua base de apoio local. O certo é que, antes dos Abraão assumirem o controle do jogo do bicho na região, não havia um banqueiro que concentrasse os pontos de apostas.

Alguns depoentes chegam a falar numa participação indireta de Anísio na Beija-flor já em meados da década de 1960, colaborando financeiramente sem que grande parte dos componentes soubesse, talvez porque ainda estivesse ligado ao bloco Centenário. No entanto, despontando como "braço direito" do irmão através de uma estável sociedade, Nelson Abraão foi quem desempenhou o papel de agente articulador da institucionalização das relações entre a organização do jogo do bicho e a escola de samba, para o que muito contribuiu o fato da quadra da escola de samba estar localizada em seu "território".

A dupla face presidente de honra/presidente administrativo deve ser compreendida como expressão do papel desempenhado pelos dois irmãos na própria organização do jogo do bicho. Uma aliança selada por meio do parentesco direto, a partir da qual se tem a percepção de que Anísio, como sendo o grande "capitalista" da organização, dedicava-se mais à administração dos negócios no tocante às articulações com setores externos ao samba e à própria contravenção – não que fosse desligado do relacionamento com a população local –, confiando a Nelson, numa plena comunhão de interesses, a manutenção do elo com setores da comunidade nilopolitana.

De acordo com antigos componentes da Beija-flor, a aproximação de Nelson era vista como a garantia de um suporte financeiro regular para solução dos problemas bá-

sicos da agremiação carnavalesca. No entanto, não se tratava de um estranho que havia enriquecido e, de uma hora para outra, decidido "lavar" o dinheiro do jogo do bicho dado à escola de samba. Nelson era uma pessoa capaz de cumprir "requisitos" básicos para se adaptar ao tipo de sociabilidade estabelecido no âmbito da escola de samba. Nesse sentido, vamos citar aqui o relato de um antigo compositor:

> Não era difícil de chegar até ele, o Nelson não era difícil. Ele era um cara que andava na rua, parava lá na Mirandela [uma das principais avenidas da cidade] com uma porção de gente em volta dele conversando, ele era um cara de rua. Ele era um cara do povo que ficou rico. Primeiro ele era conhecido na comunidade, ele era conhecido na cidade, e depois ficou rico. Ficou rico, mas continuou andando no mesmo habitat dele. Então, ele era um cara de acesso.
>
> Ele era bicheiro, ficou rico por causa do jogo do bicho, depois de ter virado comerciante. A fonte de origem dele era o jogo do bicho. Ficou rico, mas continuou no meio da massa tendo acesso às pessoas. A vantagem deles, o que eu admiro muito neles é que eles são democraticamente... Eles não são racistas, eu admiro muito isso na família Abraão, a democracia racial deles. Porque às vezes você é criado perto de preto e consegue ser... Tem pessoas que... Não depende de você ter sido vizinho de uma família negra pra você deixar de ser racista. Pode ter um vizinho que estudou com ele, mas mesmo assim continua sendo racista, mas eles não são, inclusive o Nelson era casado com uma mulher negra, o Nelsinho é filho de uma mulher negra. A mãe do Nelsinho é negra! [...] Ativo dentro da Beija-flor era Nelson. O Nelson era Presidente da Beija-flor porque ele gostava disso, ele gostava de ir para a Beija-flor, ele tinha a mulher que era sambista da Beija-flor a vida toda, vindo de uma família que o pai era presidente, as irmãs todas eram fundadoras dos primeiros anos da Beija-flor. Desfilava na Beija-flor desde o primeiro ano a mulher dele, a mulher e as irmãs dela desfilaram no primeiro ano, e tornou-se namorada dele frequentando a Beija-flor, e ele gostava daquilo, gostava dos bailes da Beija-flor. Dançava, ele era uma pessoa como nós e aí ele ganhou a nossa simpatia, todo mundo gostava dele, ele era um cara que gostava da gente, já tava ficando financeiramente independente, mas não largava o nosso mundo. Ele podia ir pro clube dos bacanas, das pessoas que tinham grana que nem ele, mas ele frequentava era a Beija-flor. Ele frequentava o nosso ambiente, então ele era o nosso cara. Todo mundo gostava dele.[1]

O relato indica elementos fundamentais para a realização do poder pessoal do banqueiro do jogo do bicho, pois são eles que asseguram a possibilidade de comunicação com os agentes envolvidos na troca simbólica. Observamos que o enraizamento de Nelson no município foi decisivo para sua aproximação com a comunidade local e, consequentemente, com os sambistas de Beija-flor. Todavia, o relato destaca o fato de seu enriquecimento não ter alterado o modo como lidava com as pessoas, algo que se consagrou por sua generosidade. Nelson exercia uma atividade que, por ela mesma, exigia essa mobilidade e a manutenção de uma dinâmica de contatos.

A aliança matrimonial entre Nelson e Marlene Sennas, filha do ex-presidente José Rodrigues Sennas, assume um significado extremamente forte. Muito mais do que selar o compromisso entre marido e mulher, seria o sinal de sua integração completa à comu-

nidade nilopolitana, expressando ainda uma identificação com o universo da cultura afro-brasileira. A trajetória de Anísio também confirma essa dinâmica cultural, ele não se casou com uma mulher negra, porém, sua primeira esposa era profundamente ligada à umbanda, e isto provavelmente tem relação com sua devoção às entidades dessa religião.

Entrevistando uma antiga componente da Beija-flor, ela reafirmava a ligação do contraventor com o universo da religiosidade popular católica e afro-brasileira:

> O Anísio é devoto mesmo de São Jorge. Eu não sei se você sabe, mas a maioria dos banqueiros e bicheiros são devotos de São Jorge, a maior parte deles. Agora até não é muito, mas anos atrás você podia ver. Você sabia quando ele era um banqueiro e era um bicheiro pelo anel e pelo cordão que eles sempre usaram com a imagem de São Jorge. Como antigamente você sabia, tinha certeza, quando o cara era presidiário: pelas tatuagens. E quando era bicheiro sempre teve uma tatuagem de São Jorge: ou no peito, ou no braço, ou nas costas. Aí você sabia que era bicheiro. Porque bicheiro é um, e banqueiro é outro. Banqueiro é o dono do negócio e bicheiro é quem escreve; são os escreventes. E Anísio sempre foi devoto; sempre, sempre.[2]

Refletindo sobre a devoção ao santo por parte desses setores, somos logo levados a pensar no seu envolvimento com a marginalidade, o que faz com que lidem constantemente com situações de risco. Sendo São Jorge o Ogum dos terreiros de candomblé, "vencedor de demandas", isto reforça ainda mais essa relação. Merece destaque, no entanto, o dado relativo aos sinais que apontam para a forte inserção do jogo do bicho no imaginário popular, visto que cordões e tatuagens são elementos que expressam exatamente uma linguagem visual em correspondência com o tipo de sociabilidade com a qual estamos lidando. Os bicheiros são agentes que atuam no contato direto com os apostadores, que tomam parte nas conversas sobre os acontecimentos da localidade onde estão inseridos. Daí o caráter popular do jogo do bicho.

Entrevistando um casal em que o marido é representante da comunidade libanesa nilopolitana, e sua esposa de origem nordestina, os dois comentavam as barreiras impostas pela tradição "árabe" em relação ao casamento dos filhos com pessoas "de fora" da cultura. Por experiência própria, falavam do costume dos pais, que tinham condições financeiras, "arranjarem", no Líbano, esposas para filhos.[3]

Portanto, o vínculo de parentesco de Nelson com uma mulher de origem negra, profundamente ligada ao samba, certamente contribuiu para consagrar a confiança depositada em sua pessoa, numa demonstração de aproximação voluntária com o universo do samba. E isto fica mais demarcado quando o depoente ressalta que Nelson tinha condições para frequentar espaços mais prestigiados socialmente, porém, preferia o ambiente dos sambistas (negros e pobres) da cidade.

Em geral, as falas dos próprios atores abordados nos indicam o caminho para construção de uma análise mais pertinente, pois, em relação ao suporte financeiro oferecido pelos Abraão David, seus relatos expressam justamente a ambiguidade a partir da qual se manifesta a experiência do dom: denega-se o puro interesse, mas não se apaga por completo a consciência da troca. (BOURDIEU, 1996, p. 7) Partindo de dois textos

bastante representativos, o clássico ensaio de Marcel Mauss e um artigo do antropólogo Marshall Sahlins [4], e baseando-se especialmente neste último, Gomes (2005) nos oferece uma ótima formulação acerca da noção de reciprocidade, chave explicativa para o que ocorre quando

> bens são concedidos "voluntariamente", sem que precisem ser "humildemente solicitados", e supondo "retornos" aliviados da premência do tempo e da quantidade ou qualidade da retribuição. A contraobrigação fica minimizada em sua dimensão estritamente econômica, já que o fluxo material pode permanecer por longo tempo, e até indefinidamente, em favor de uma só das partes. A doação não cessa por ausência de retorno material e, justamente por isso, ela reforça o lado social da reciprocidade. Quem recebe o que não solicitou e não pode retribuir materialmente, fica continuamente obrigado em face de quem dá. (GOMES, 2005, p.181)

A simpatia pelos banqueiros do jogo do bicho não significa, contudo, que os componentes da Beija-flor deixem de fazer críticas às transformações que se processaram a partir do momento em que a escola de samba se tornou vitoriosa. Como explica Santos (1998), o suporte financeiro concedido pelos banqueiros do jogo do bicho ampliou a base social das escolas de samba a tal ponto que seus componentes foram progressivamente perdendo o controle do processo. E nesse sentido, as relações no âmbito da agremiação carnavalesca foram ficando progressivamente mais impessoalizadas, modificavam-se as formas de sociabilidade que haviam prevalecido até então. A percepção desta situação é justamente o que leva os antigos componentes a ressaltarem a dimensão obrigatória da dádiva. Sigamos adiante com o relato do mesmo compositor a que nos referimos anteriormente, mostrando assim a ambiguidade que perpassa sua narrativa:

> Nelson foi um cara útil pra escola no sentido que trouxe do Segundo Grupo e colocou campeã, o que era muito difícil, uma escola pequena ganhar das quatro grandes. Nós conseguimos, e o Nelson meteu a mão nas economias dele pra que sustentasse isso, e depois as coisas não mudaram mais. Ele fez a coisa boa que foi trazer o progresso, o sucesso e através do sucesso ela progrediu. Eu acho que a participação positiva dele nesse lado aí, ninguém contesta. E tem o lado negativo disso aí que foi o desinteresse pelo componente, como quem diz: "Eu não preciso de você, se quiser pode ir embora, eu ponho outro no teu lugar". Então o componente começou a ficar descartado e como a força do poder da grana foi dando certo, aquilo foi confirmando, de não precisar do componente. Aí eles foram confirmando que não precisavam de você. O batuque qualquer um vem e faz, aí o camarada quer vir porque tá tendo sucesso. Aí aparece outro cara fazendo aquilo pra entrar no teu lugar. Tu sabe que tem três pra entrar no teu lugar.

O problema da "desvalorização do componente" deve ser pensado a partir do que entendemos como sendo uma massificação das relações no âmbito da organização carnavalesca, ou seja, a expansão de sua base social trouxe fortes transformações em relação aos padrões de sociabilidade de um espaço de convivência onde todos se conheciam em função de laços de parentesco e vizinhança, tanto que se fala que a escola passou a ter mais "frequentadores" do que propriamente "componentes". E por essa razão,

atesta-se que foram surgindo muitos constrangimentos em relação ao cerceamento da entrada gratuita na quadra para os antigos componentes, sendo que o próprio uso desse espaço passou a ficar muito mais restrito para a promoção de confraternizações entre os sambistas.

Nesse contexto, o conflito entre os "de dentro" e os "de fora" tornou-se uma grande questão na nova fase da Beija-flor. No fundo, o que se colocava era a necessidade da diretoria da escola em aproveitá-la ao máximo enquanto espaço de mediação com "setores externos" da sociedade a fim de consolidar o projeto político familiar, uma questão que não pretendemos abordar aqui.

Mesmo que seja uma questão discutível, a projeção da escola de samba é reconhecida até por antigos moradores de Nilópolis que não fazem parte do mundo do samba como fator central para o desenvolvimento do município. O que fica entendido como a melhoria de elementos básicos de infraestrutura e serviços urbanos: por um lado, asfaltamento de ruas, iluminação, coleta de lixo; por outro, ampliação do comércio de lojas e abertura de casas noturnas.

No entanto, no plano simbólico, teríamos uma questão fundamental, pois a Beija-flor de Nilópolis passou a ser o elemento central para a construção da identidade do morador da cidade. Tornou-se um ponto de aglutinação capaz de promover a vinda até a cidade de artistas de televisão, jogadores de futebol e demais pessoas da alta sociedade, algo inconcebível para qualquer outra cidade da Baixada Fluminense.

Compreende-se a forte simbologia do belo e gracioso passarinho ter se consolidado na medida em que foi sendo associado ao nome dos mais variados tipos de empreendimentos da localidade (Açougue Beija-flor, Beija-flor Tintas, Farmácia Beija-flor, Imobiliária Beija-flor, Beija-flor Rádio Táxi) ou então estampado em camisas, faixas e adesivos fazendo referência à agremiação carnavalesca; e ainda, inscrito em paredes e painéis funcionando para o estabelecimento de marcos territoriais.

O símbolo Beija-flor passou a se articular a categorias de outra ordem, como família, amor, generosidade, honra, orgulho, respeito, conformando um modelo de apreensão da realidade, capaz de oferecer referências que moldam um tipo de intervenção sobre ela. Estamos aqui tentando reproduzir a conceituação de Geertz quando de refere à ideia de modelo sob dois aspectos básicos, ao assumir um sentido "de" e um sentido "para". (GEERTZ, 2008)

O ícone que se concretiza na figura do pequeno pássaro pode ser interpretado de diversas formas, dependendo da dinâmica em que se encontram os atores sociais e do modo como se apropriam do significado atribuído a ele. Só não se deve perder de vista que sempre supõe uma relação de poder, pois mesmo que sua ostentação permita uma afirmação de orgulho, ou então proporcione outras formas de promoção pessoal, estará sugerindo a existência do domínio político familiar estabelecido. E mais especificamente, um possível vínculo pessoal com esse mecanismo de poder. A simples visualização do Beija-flor na fachada de estabelecimentos comerciais em Nilópolis pode levar a entender

que os proprietários estejam simplesmente se beneficiando com a popularidade da escola de samba, ou então sugerir que as famílias Abraão David e Sessim exercem verdadeiro controle sobre as agências de serviços da localidade.

CONCLUSÃO

Nossa intenção foi mostrar como o mecenato do jogo do bicho se instituiu no caso da Beija-flor de Nilópolis a partir de uma série de mediações estabelecidas pelos contraventores com setores da população local. A simples ideia do suporte financeiro concedido à agremiação carnavalesca no sentido estratégico de dar legitimidade a práticas ilícitas leva ao entendimento de que o processo não passou de uma manipulação capaz de retirar da mão dos sambistas a direção de sua organização. Em contraposição, vimos que a entrada dos Abraão David contou com a aceitação de setores da escola, e que estes chegaram a constituir um posicionamento crítico em relação às transformações decorrentes do crescimento da Beija-flor. O sucesso da direção conduzida pelos contraventores de Nilópolis se baseia numa lógica que requer muito mais capacidade de articulação e negociação do que se fosse pautada exclusivamente pela violência e pela questão meramente material.

NOTAS

1 Entrevista realizada pelo autor na casa do depoente em 12 de agosto de 2005.

2 Entrevista realizada pelo autor na casa da componente em 19 de setembro de 2005.

3 Entrevista realizada pelo autor na residência do casal em abril de 2009.

4 A autora se refere a MAUSS (2003) e SAHLINS (1965).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, José Cláudio Souza. *Dos barões ao extermínio*: uma história da violência na Baixada Fluminense. Duque de Caxias, Rio de Janeiro: APPH,CLIO, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Marginalia: algumas notas adicionais sobre o dom. In: *Mana* 2(2): 7-20, 1996.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro. *Carnaval carioca*: dos bastidores ao desfile. Rio de Janeiro: Funarte/ UFRJ, 2008.

CHINELLI, Filipina e SILVA, Luiz Antônio Machado da. O vazio da ordem: relações políticas e organizacionais entre escolas de samba e o jogo do bicho. Revista do Rio de Janeiro, 1 (1), 1993, p. 42-52.

DA MATTA, Roberto e SOÁREZ, Helena. *Águias, burros e borboletas*: um estudo antropológico sobre o jogo do bicho. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

FERREIRA, Maria Lúcia do Pazo. *O grêmio recreativo escola de samba Beija-Flor de Nilópolis*: sob a direção artística do carnavalesco João Jorge Trinta. Dissertação de Mestrado em Comunicação. Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1982.

FREIXO, Adriano de e TAVARES, Luiz E. O samba em tempos de ditadura: as transformações no universo das grandes escolas do Rio de Janeiro nas décadas de 1960 e 1970. In:

FREIXO, A. e MUNTEAL FILHO, Oswaldo (orgs.). *A ditadura em debate*: estado e sociedade nos anos do autoritarismo. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES, Ângela de Castro. *A invenção do trabalhismo.* Rio de Janeiro: FGV, 2005.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma antropologia urbana. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol 17, n. 49, São Paulo, junho de 2002, p. 11-29.

MAUSS, Marcel. *Ensaio sobre a dádiva*. *in*: _____. Sociologia e antropologia. São Paulo: Cosac Naif, 2003.

MELLO, Marcelo Pereira de. *Olha a Beija-Flor aí gente!*: comunicação e cultura na reinvenção do carnaval carioca. Dissertação de Mestrado em Comunicação, Imagem e Informação do Instituto de Artes e Comunicação Social, Universidade Federal Fluminense, 2002.

MONTES, Maria Lúcia Aparecida. O erudito e o popular, ou as escolas de samba: a estética negra de um espetáculo de massa. *Revista USP,* 32, 1996-1997, p. 6-25.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *Carnaval brasileiro*: o vivido e o mito. São Paulo: Brasiliense, 1992.

SAHLINS, Marshal. On the sociology of primitive exchange. In: BANTON, Michael (ed.), *The relevance of models for social antropology*. London: Tavistock Publications, 1965.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Mangueira e Império: a carnavalização do poder pelas escolas de samba. In: ZALUAR, Alba e ALVITO, Marcos. (orgs.) *Um século de favela*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

TRINTA, Joãozinho. *Psicanálise Beija-flor – Joãozinho Trinta e os analistas do colégio*. Rio de Janeiro: Aoutra/Taurus, 1991.

Luiz Anselmo Bezerra é graduado em História e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense/UFF.